

ARTIGO

# O PESSIMISMO REVOLUCIONÁRIO DE WALTER BENJAMIN

MICHAEL LÖWY

Centre National de la Recherche Scientifique

Paris | França

michael.low1@gmail.com

orcid.org/0000-0001-56790927

O pessimismo cultural que Benjamin reivindica em seu artigo sobre o Surrealismo, de 1929, está resolutamente engajado no campo da esquerda mais radical; aos seus olhos, o pessimismo é um traço comum aos comunistas mais lúcidos - como o trotskista francês Pierre Naville - e aos surrealistas.

*Pessimismo – Cultura – Surrealismo – Crítica*

*Texto original “Le pessimisme révolutionnaire de Walter Benjamin”;*

*Tradução de Fernando Alvim.*

ARTICLE

# WALTER BENJAMIN'S REVOLUTIONARY PESSIMISM

MICHAEL LÖWY

Centre National de la Recherche Scientifique

Paris | France

michael.low1@gmail.com

orcid.org/0000-0001-56790927

The cultural pessimism Benjamin claims in his article on Surrealism, from 1929, is resolutely engaged in the most radical leftish field; from his point of view, pessimism is a trace common to the most lucid communists – like French Trotskyist Pierre Neville – the surrealists.

*Pessimism – Culture – Surrealism – Criticism*

O pessimismo cultural (*Kulturpessimismus*) tem má fama. O termo aparece por volta do início do século XIX para designar uma atitude, um estado de espírito, uma *Stimmung*<sup>1</sup> de desconfiança em relação à modernidade, e de crítica contrária ao capitalismo, ao liberalismo e ao industrialismo, partilhada por toda uma corrente da cultura alemã dos anos 1890-1933. Pode-se reduzi-lo a manifestações nacionalistas, racistas e antissemitas preparando o advento do Terceiro Reich? Esta é a tese sustentada, com grande erudição, por Fritz Stern em sua obra “clássica”, *O pessimismo cultural como perigo político* (1961) – é o título da edição alemã – que estuda os escritos de três eminentes representantes da “revolução conservadora”: Paul de Lagarde, Julius Langbehn e Moeller van der Bruck. Esses três autores são, sem dúvida, nacionalistas reacionários - e, no que concerne aos dois primeiros, antissemitas notórios – e seus trabalhos sem dúvida, dentre outros, têm alimentado a ideologia nacional-socialista (Stern 1986).

Mas eles são representantes de toda a corrente pessimista cultural? Na verdade, o *Kulturpessimismus*, do qual Friedrich Nietzsche é uma das principais referências filosóficas, é um estilo de pensamento muito mais amplo, abrangendo um amplo espectro político e intelectual, e incluindo escritores como Thomas Mann, sociólogos como Ferdinand Tönnies e Max Weber ou filósofos como Oswald Spengler. Seria ainda mais errado identificá-lo com o antissemitismo, uma vez que existe, na cultura germânica da época, um pessimismo cultural judaico, representado, entre outros, por escritores como Stefan Zweig e Joseph Roth.

Se há um pólo conservador ou reacionário, não há menos na Alemanha um pessimismo cultural da esquerda - muitas vezes representado, é verdade, por pensadores judeus. É suficiente mencionar Walter Benjamin ou a Escola de Frankfurt.

O pessimismo cultural que Benjamin reivindica em seu artigo sobre o Surrealismo, de 1929, está resolutamente engajado no campo da esquerda mais radical; aos seus olhos, o pessimismo é um traço comum aos comunistas mais lúcidos - como o trotskista francês Pierre Naville - e aos surrealistas.

Precisamos, ele escreve, de um “pessimismo integral. Sem exceção. Desconfiança acerca do destino da literatura, desconfiança acerca do destino da liberdade, desconfiança acerca do destino da humanidade europeia, e principalmente desconfiança, desconfiança e desconfiança com relação a qualquer forma de entendimento mútuo: entre as classes, entre os povos, entre os indivíduos. E confiança ilimitada apenas no I. G. Farben e no aperfeiçoamento pacífico da Força Aérea”. (Benjamin 1987, 34)

Trata-se aqui de um pessimismo revolucionário que não tem nada a ver com a resignação fatalista, e ainda menos com a variante reacionária e pré-fascista do pessimismo cultural, porque está a serviço da emancipação das classes oprimidas. Sua preocupação não é o “declínio” das elites, ou da nação, mas as ameaças que o progresso técnico e econômico promovido pelo capitalismo faz pesar sobre a humanidade.

Walter Benjamin representa uma versão revolucionária do pessimismo cultural, que não tem nada a ver com resignação fatalista, e muito menos com uma variante reacionária e pré-fascista do pessimismo cultural, porque está a serviço da emancipação das classes oprimidas. Sua preocupação não é o

---

<sup>1</sup> N.T.: *Stimmung* é um termo alemão cujo sentido pode ser traduzido por humor ou ambiente ou estar com disposição.

“declínio” das elites, ou da nação, mas as ameaças que o progresso técnico e econômico promovido pelo capitalismo faz pesar sobre a humanidade.

Seu marxismo ganha, assim, uma qualidade crítica que o distingue radicalmente do marxismo “oficial” dominante na época. Essa articulação se manifesta pela primeira vez no livro *Rua de Mão Única*, escrito entre 1923 e 1926, onde ela encontra-se, sob o título “Alarme de incêndio”, essa premonição histórica das ameaças de progresso: se a derrubada da burguesia pelo proletariado “não estiver efetivada até um momento quase calculável do desenvolvimento econômico e técnico (a inflação e a guerra de gases o assinalam, tudo está perdido. Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado” (Benjamin 1987, 46).

Ao contrário do marxismo evolucionista vulgar, Benjamin não concebe a revolução como resultado “natural” ou “inevitável” do progresso econômico e técnico (ou da “contradição entre forças e relações de produção”), mas como a interrupção de uma evolução histórica conduzindo à catástrofe.

É porque ele percebe esse perigo catastrófico que Benjamin reivindica, em seu artigo sobre surrealismo de 1929, pessimismo – um pessimismo revolucionário que não tem nada a ver com a resignação fatalista, e ainda menos com o *Kulturpessimismus* alemão, conservador, reacionário e pré-fascista (Carl Schmitt, Oswald Spengler, Moeller van der Bruck): pessimismo está aqui a serviço da emancipação das classes oprimidas. Sua preocupação não é o “declínio” das elites, ou da nação, mas as ameaças que fazem pesar sobre a humanidade o progresso técnico e econômico promovido pelo capitalismo.

Nada parece mais irrisório aos olhos de Benjamin do que o otimismo dos partidos burgueses e da social-democracia, cujo programa político é apenas um “poema de primavera ruim”. Contra esse “otimismo sem consciência”, esse “otimismo diletante/de amadores”, inspirado na ideologia do progresso linear, ele descobre no pessimismo o ponto de convergência efetiva entre surrealismo e comunismo. Não é preciso dizer que não se trata de um sentimento contemplativo, mas um pessimismo ativo, “organizado”, prático, inteiramente estendido para o objetivo de impedir, por todos os meios possíveis, o advento do pior.

Pergunta-se a que pode fazer referência o conceito de pessimismo aplicado aos comunistas: sua doutrina em 1928, celebrando os triunfos da construção do socialismo na URSS e a queda iminente do capitalismo, não é ela precisamente um belo exemplo de ilusão otimista? Na verdade, Benjamin tomou emprestado o conceito de “organização do pessimismo” de uma obra que ele qualifica como “excelente”, *A Revolução e os intelectuais* (1926), do comunista dissidente Pierre Naville. Próximo aos surrealistas (ele fora um dos redatores da revista *A Revolução Surrealista*), Naville tinha naquele momento feito a opção do engajamento político no Partido Comunista Francês, que ele queria compartilhar com esses amigos.

No entanto, para Pierre Naville o pessimismo, que constitui “a fonte do método revolucionário de Marx”, é o único meio de “escapar das nulidades e decepções de uma época de compromisso”. Recusado o “otimismo bruto” de um Herbert Spencer - a quem ele elogia com o qualificativo amável de “cérebro monstruosamente estreito” - ou de uma Anatole France, cujas “piadas infames” ele não suporta, conclui: “é necessário organizar o pessimismo”, “a organização do pessimismo” é a única palavra de ordem que nos impede de definharmos” (Neville 1965, 76-77 e 110-117).

É inútil evidenciar que essa apologia apaixonada do pessimismo era pouco representativa da cultura política do comunismo francês naquela época. Na verdade, Pierre Naville seria logo expulso do Partido, em 1918. A lógica de seu anti-otimismo o conduziu às fileiras da oposição comunista de esquerda (“Trotskista”), da qual ele se tornou um dos principais dirigentes.

Essa visão crítica permite a Benjamin perceber – intuitivamente, mas com estranha acuidade – as catástrofes que aguardavam a Europa, perfeitamente resumidas pela frase irônica sobre “confiança ilimitada”. É claro que mesmo ele, o mais pessimista de todos, não poderia prever as destruições que a Luftwaffe iria infligir às cidades e às populações civis europeias; e ainda menos podia ele imaginar que a I. G. Farben ia, apenas uma dúzia de anos mais tarde, distinguir-se pela fabricação de gás Ziklon B usado para “racionalizar” o genocídio, nem que suas fábricas iam empregar, às centenas de milhares, a mão de obra de campos de concentração.

No entanto, único entre todos os pensadores e líderes marxistas daqueles anos, Benjamin teve a premonição dos monstruosos desastres aos quais podia dar à luz o “progresso” no quadro da civilização industrial/burguesa em crise.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *O Surrealismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- NAVILLE, Pierre. *La révolution et les intellectuels*. Paris, Gallimard, 1965.
- STERN, Fritz. *Kulturpessimismus als politische Gefahr, Eine Analyse nationaler Ideologie in Deutschland*. Munnich, DTV, 1986.

*O pessimismo revolucionário de Walter Benjamin*  
 Artigo recebido em 01/09/2021 • Aceito em 01/11/2021  
 DOI | doi.org/10.5216/rth.v24i2.71194  
 Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado